



LÉXICO TOPONÍMICO: NOMES DE MOTIVAÇÕES DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL NA TOPONÍMIA DE ALAGOAS

Data de recebimento: 05/03/2017

Aceite: 20/04/2017

Pedro Antonio Gomes de MELO (UNEAL)¹

Resumo: O léxico toponímico pode traduzir uma imagem pelo menos aproximativa das representações de um povo, por meio de traços da geografia do lugar, do sistema de povoamento e das características etnodialetológicas da região na qual o topônimo está inserido. Nessa direção, este artigo objetiva realizar uma descrição linguística sobre as escolhas lexicais decorrentes de taxinomias de natureza antropocultural, registradas na sincronia atual, realizadas pelo sujeito-nomeador para nomear municípios em Alagoas. Quanto aos métodos empregados, trata-se de um estudo bibliográfico, em que o inventário toponímico que compõe o *corpus* desta pesquisa seguiu, fundamentalmente, os princípios teórico-metodológicos da Lexicologia e da Toponímia, em especial o modelo teórico de Dick (1990 e posteriores) e as contribuições de Isquerdo (1996). Após as análises, os resultados apontaram que, dentro do grupo motivacional de natureza antropocultural, as taxas dos antropotopônimos foram as mais produtivas com registros de 13 ocorrências de um total de 46 topônimos, o que sugere que estas representações semânticas intencionais estão ligadas às dadas motivações extralinguísticas e revelam traços socioculturais da identidade do povo alagoano mediante as particularidades consubstanciadas no signo toponímico e no conteúdo simbolizado por ele a ser interpretado pela comunidade.

Palavras-chave: Lexicologia. Léxico toponímico. Nomes de cidade.

Abstract: The toponymic lexicon can translate at least an approximate image of the representations of a people, through traces of the geography of the place, the settlement system and the ethnodialectological characteristics of the region in which the toponym is inserted. In this direction, this article aims to perform a linguistic description on the lexical choices derived from taxonomies of anthropocultural nature, registered in the current synchrony, performed by the subject-appointee to appoint municipalities in Alagoas. As for the methods employed, this is a bibliographical study, in which the toponymic inventory that composes the corpus of this research followed fundamentally the theoretical-methodological principles of Lexicology and Toponymy, especially the theoretical model of Dick (1990 and later) And the contributions of Isquerdo (1996). After the analyzes, the results indicated that, within the motivational group of anthropocultural nature, the taxes of anthropotopyms were the most productive with records of 13 occurrences of a total of 46 place names, which suggests that these intentional semantic representations are linked to the given motivations Extralinguistic and reveal socio-cultural traits of the identity of the Alagoan people through the particularities embodied in the toponymic sign and the content symbolized by it to be interpreted by the community.

Keywords: Lexicology, Toponymic Lexicon, City Names.

1. Introdução

O nome de município é um signo linguístico no mundo onomástico. Trata-se de um elemento multifacetado que consiste no nome próprio em função designativa de um espaço humano. Estudá-lo é compreendê-lo em suas diversas potencialidades, identificando e resgatando as razões que fazem ou fizeram com que o falante escolhesse um determinado nome, dentro de um eixo de possibilidades sêmicas para designar um lugar.

¹ Graduado em letras: Português e Inglês. Mestre em linguística (UFAL). Doutorando em letras (UEM). Professor da UNEAL.



No caso da toponímia alagoana em decorrência do processo de povoamento e colonização ao qual o estado foi submetido, há grandes contrastes e diferenças diatópicas e diastráticas, compondo dessa forma uma rede de relações línguo-culturais em seu léxico toponímico² dos nomes das municipalidades.

Neste escrito, adotamos o conceito de cultura como um conjunto de ideias, tradições, conhecimentos e práticas individuais e sociais, projetados na língua de um povo e o ato de nomear lugares como atividade significativa ao homem como forma de entender a realidade circundante. (MEADA, 2006)

Apesar de o léxico ser objeto de interesse de muitos pesquisadores das áreas de Letras e Linguística no Brasil, o estudo de arte da Lexicologia demonstra que ainda há poucas pesquisas lexicais em Alagoas, menos ainda sobre seu léxico toponímico. Dessa particularidade surgiu nosso interesse científico de investigar como o homem, alocado num dado espaço físico do Nordeste do Brasil, tendo a sua disposição várias possibilidades de escolhas, nomeou os municípios alagoanos por meio de topônimos de taxionomias de natureza antropocultural.

Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico. O recorte toponímico investigado abrangeu os 102 nomes próprios oficiais das municipalidades alagoanas na sincronia atual e seguiram, fundamentalmente, os princípios teórico-metodológicos da Lexicologia em interlocução com a Toponímia, em especial o modelo teórico de Dick (1990 e posteriores) e as contribuições de Isquierdo (1996).

Este artigo está dividido em duas seções: a primeira traz a fundamentação teórica que norteará este estudo, abordando, de forma concisa, conceitos básicos da área da Onomástica e da Toponímia, com base na literatura profissional tanto no cenário nacional quanto internacional. E ainda, tratamos da prática línguo-cultural de nomear lugares e seu produto gerado: o signo toponímico. Na segunda seção, apresentamos a análise e os resultados do nosso *corpus*, pondo em foco as motivações toponímicas evidenciadas na nomenclatura das municipalidades alagoanas. Ao final do artigo, expomos nossas considerações finais e referências.

2. Referencial teórico: Onomástica, Toponímia e a prática de nomear cidades

² Neste artigo, apropriamos do conceito de *léxico toponímico* definido por Isquierdo (2012, p.116) “como o conjunto de unidades lexicais investidas da função de nome próprio de lugar que podem reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos”.



Considerando a Linguística como a teoria da linguagem humana, a Onomástica -do grego antigo ὀνομαστική, ato de nomear, dar nome - se integra às investigações linguísticas, particularmente às pesquisas do léxico, ocupando-se em estudar os nomes próprios em geral e os sistemas de nomeação.

Neste aspecto, ela corresponde a uma disciplina maior que apresenta duas subáreas de investigação: a Toponímia, que possui como eixo central de seus estudos o nome próprio de lugar (topônimo), e a Antroponímia, que se ocupa dos estudos do nome próprio de pessoas (antropônimo).

O sistema onomástico, considerado como um grande complexo linguístico-cultural, compreende as realizações virtuais do sistema lexical, disponíveis para o desempenho denominativo dos falantes, caracterizando-se pela especialização (SILVEIRA, 2015) e possibilita que o signo toponímico em relação ao seu referente espacial traduza uma noção de identidade cultural, i. é., um ambiente³ identitário construído ao longo do tempo, em que se formou e se materializou na língua. Seguindo raciocínio similar, Carvalhinhos (2010) explica-nos que estudar essas conexões na Onomástica é desvendar como determinados aspectos da cultura de um grupo se imprimem nos topônimos.

Cabe aqui citarmos Abade (2016, p.578) quando afirma que

A denominação dos nomes é acima de tudo um fator de identidade. Em onomástica, essa denominação integra o nome e a coisa, o significante e o significado, a significação e a designação, em uma perspectiva semântica que integram o todo, passando ser uno.

E ainda, nesse mesmo véis raciocínio, Dick (2007, p.144), assinala que o estudo onomástico

é muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população.

De fato, observarmos intersecções léxico-culturais na Onomástica é percebermos como determinados aspectos da cultura de um grupo social se imprimem nesses significantes lexicais, refletindo e refratando a realidade circundante. Para tais fins, é comum se utilizar o método onomasiológico, em que se buscam a origem e os sentidos dos nomes atribuídos aos acidentes físicos e/ou humanos, combinando o conhecimento linguístico aos extralinguísticos

³ Consideramos o ambiente na base do conceito de cultura, conforme abordagem de Sapir (1970), ou seja, considerando a língua como um complexo de símbolos que refletem todo o quadro físico e social em que se acha situado um aglomerado humano.



como o fizeram Albert Dauzat, na França, Auguste Vincent, na Bélgica, George Stewart, nos Estados Unidos, Adolfo Salazar-Quijada, na Venezuela, José Leite Vasconcellos, em Portugal, Dick e Isquero no Brasil e outros.

Os atuais estudos onomásticos no Brasil vêm buscando justamente resgatar a história social contida nos nomes de uma determinada localidade, partindo das origens linguísticas para reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional toponomástico da região. Nesse sentido, investiga-se as causas que motivaram o denominador a eleger determinado nome, em detrimento de outros, para batizar um certo local, evidenciando um conjunto de possibilidades de escolha do nomeador no eixo paradigmática do sistema onomástico. Esta combinação e seleção, consciente ou não, produto da vontade ou condicionada pelo contexto sócio-histórico-cultural implicará nos efeitos de sentido dos signos toponímicos.

A Toponímia - do grego *topos* e *onyma* nome de lugar - é um ramo disciplinar dinâmico e de caráter multi, trans e interdisciplinar que tem como objeto de estudo o léxico toponímico real (não potencial) e seu produto gerado: a palavra com função locativa e suas transformações ao longo do tempo. E ainda, os resultados de suas pesquisas podem indicar ou precisar “os movimentos antigos dos povos, as migrações, as áreas de colonização, as regiões onde tal ou tal grupo linguístico deixou seus traços”. (DAUZAT, 1926, p.7, tradução nossa)⁴

Encontra-se em uma relação de inclusão, de complementaridade com a Onomástica. Sendo lícito considerar a Toponímia como um complexo línguocultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente (DICK, 1990). Em sua configuração atual, podemos considerá-la como uma disciplina recente que se insere na grande área da Linguística, mais precisamente no campo dos estudos lexicais.

Nas palavras de Trapero (1995, p.21, tradução nossa)⁵

A toponímia é uma disciplina cuja problemática se integra à Linguística, à Geografia, à História, à Botânica, à Arqueologia, à Antropologia ... E todas reivindicando um direito de propriedade. Mas temos que concordar que mais direito que todas as outras tem a Linguística (para não dizer exclusivo), como uma perspectiva que busca explicar um recorte do léxico de um lugar, de uma região, de uma língua.

⁴ (...) les mouvements anciens des peuples, les migrations, les aires de colonisation, les régions où tel ou tel groupe linguistique a laissé ses traces (DAUZAT, 1926, p.7)

⁵ La toponimia es una disciplina cuya problemática se la han repartido la lingüística, la geografía, la historia, la botánica, la arqueología, la antropología... Y todas ellas alegando un "derecho" de propiedad. Pero habrá que convenir que más (no digo exclusivo) "derecho" que ninguna tiene la lingüística, como perspectiva que trata de explicar una parcela del léxico de un lugar, de una región, de una lengua. (TRAPERO, 1995, p.21)



Tradicionalmente, as pesquisas toponímicas privilegiavam a reconstituição etimológica, todavia, na atualidade, suas investigações não se limitam a estudar apenas aspectos linguísticos do ponto de vista imanente dos nomes de lugar, mas também se voltam para a pesquisa das causas motivadoras, dos aspectos históricos, culturais e ambientais vinculados à palavra e suas inter-relações que impulsionaram o denominador no ato de nomear um acidente físico e/ou humano, dessa forma incorporando o estudo léxico-semântico ao seu escopo.

O exame do elo que se estabelece entre o indivíduo e o *topos* que designa o espaço que o circunscreve pode se tornar um relevante instrumento para o conhecimento do modo de vida de um povo que ocupa ou já ocupou um determinado ambiente geográfico, histórico e cultural, no momento que um nomeador atribui um nome a um acidente mostram-se aí, tendências geofísicas, sociais, políticas, religiosas, culturais, entre outras, com influências internas e externas que as localidades sofrem e/ou exercem sobre o nomeador e tantos outros aspectos envolvidos na língua. Se assim é, a caracterização de um local só se efetiva, de fato, a partir do nome; antes dele o que há é o não-lugar, o vazio.

A toponímia se situa em uma dupla dimensão: a do espaço (A função toponímica) e a do tempo (a memória toponímica). Por conseguinte, os topônimos funcionarem como marcadores linguístico-culturais de lugar e tempo. Nesse caso, remetem à época que se deu a nomeação da localidade.

Nessa direção, compreendemos a Toponímia não em sua função prática do cotidiano, mas como⁶ “o estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geohistóricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que permitiram e permitem que um nome de lugar se origine e subsista” (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p.18, tradução nossa). Assim, constituindo-se em um instrumento importante na análise linguística da recuperação de causas denominativas, no qual também se observa questões extralinguísticas de natureza histórico-culturais, pondo em tela fatos onomásticos, especialmente aqueles ligados à toponímia.

Recorremos as palavras de Isquierdo (1997, p. 33) quando diz que

o esclarecimento da origem de determinados topônimos fica na dependência da recuperação, não raras vezes, de fatores extralinguísticos como as características geossocioeconômicas de uma região e, conseqüentemente, as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico-cultural.

⁶ Estudio integral, en el espacio y en el tiempo, de los aspectos: geo-históricos, socio-económicos y antropolinguísticos, que permitieron y permiten que un nombre de lugar se origine y subsista. (SALAZAR-QUIJADA, 1985, p.18)



Entendemos que em razão das especificidades de cada território, essas motivações e suas intersecções línguo-culturais não podem ser consideradas, de maneira isoladas, mas como uma unidade de múltiplas inter-relações, através das quais se procura interpretar a dinâmica do léxico toponímico, como também o signo toponímico não deve ser recortado e afastado do espaço geográfico, social e histórico que lhe deu forma.

A pesquisa toponímica se desenvolve em uma linha documental e/ou de campo e segue o método onomasiológico – típico da Lexicologia –, em que o dado selecionado é observado, registrado, classificado, analisado e interpretado de acordo com a identificação dos fatores determinantes à configuração do *corpus*.

A prática de nomear aglomerados humanos (municípios, povoados, aldeias etc.) não se dá de maneira neutra ou aleatória, mas como uma relevante estratégia de posicionamento, que ocorre num contexto permeado por uma multiplicidade de sentidos que, por sua vez, fazem parte de um universo cultural que deve ser estudado pelo pesquisador no campo toponímico.

Essa prática de nomear lugares é dinâmica e intensa, evidenciando os efeitos da sociedade sobre o linguístico e a maneira pela qual o mundo nele se representa, sobretudo em seu léxico toponímico, refletindo e refratando o modo de ver a realidade exterior e a forma como seus sujeitos sociais organizam o meio que os circunda, em seu trato diário com a língua.

O pecúlio lexical toponímico, resultante de tal prática verbal, corresponde a um *corpus* lexical vivo e funcional que se amplia e/ou se atualiza continuamente no léxico disponível no sistema linguístico ao ser utilizado pelos falantes em todas as situações da fala, não é estático, não funciona simplesmente como uma relação inerte de palavras que identificam lugares, mas se integra às exigências de expressão da área onomástica e do discurso em geral, capaz de se renovar seguindo tendências de ordem biossocial que podem condicionar e/ou influenciar o surgimento, a permanência e/ou a mudança a função locativa de nomear lugares.

No léxico toponímico, para a escolha lexical há causas denominativas do nomeador mediando a relação do referente (lugar) com sua representação (sistema linguístico). No dizer de Silveira (2015, p.13), “o simbolismo das formas linguísticas, na Toponímia, transforma nomes em lugares concretos e nomes desconhecidos em personalidades públicas”.

O nomeador é um sujeito situado social e historicamente e os nomes de lugares remetem à intencionalidade do ser humano em um determinado contexto cultural, ao sistema de práticas, valores, crenças e interesses a ele associado que permanecem firmados nos locativos mesmo quando a motivação não mais existe, i. é., mesmo quando um determinado acidente geográfico desapareceu, inclusive sem deixar memória dessa ocorrência, mas o topônimo pode



permanecer. Se assim é, talvez possamos dizer que os nomes atribuídos aos municípios alagoanos se constituam em indicadores de subjetividades de seus nomeadores.

Estas causas motivacionais transparecem em dois momentos; no primeiro, as motivações se referem ao um motivo que anima o sujeito-nomeador a sugerir o nome para localidade. Já no segundo, as motivações estão na própria fonte humana que apresenta a necessidade de sempre dar nomes as coisas. Nesse sentido, em Alagoas, os topônimos que nomeiam cidades são usados tanto na forma descritiva ou transparente – a partir de suas características objetivas mais relevantes (por exemplo, Município de Rio Largo/AL, Município de Campo Grande/AL, etc.) como de modo subjetivo por associação (metáfora) - aspectos atribuídos ao lugar pelo nomeador (por exemplo, Município de Feliz Deserto/AL, Município de Mar Vermelho/AL, etc.).

Esses nomes apresentam um valor patrimonial e adquirem sentidos que transcendem o próprio ato de nomear lugares. Eles recebem influências linguísticas e não-linguísticas, podendo ser únicas ou combinadas, representando uma projeção aproximativa do mundo real e evidenciam características do universo físico (aspectos geográficos) e social (valores axiológicos) materializado linguisticamente.

O nome de lugar é um signo toponímico - caso particular da classe nominal – que pode ser definido como unidades lexicais comuns que se atualizam a nomes próprios individuais, ressignificados no ato de batismo de lugar.

Nesses casos, temos uma situação singular, em virtude do vocábulo ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo – em uso dêitico ou anafórico – e passa a ser referencializado como topônimo. Logo, eles remetem às particularidades relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence e às práticas sociais em que está inserido.

Sendo assim, seu estabelecimento no acervo lexical da língua, na sua variedade toponímica, depende de “uma função de uso: a diferenciação de outros lugares ou propriedades por razões de posse da terra, de acesso ou valor simbólico”⁷. (CHUECA, 2010, p.9, tradução nossa) Dito de outra forma, o topônimo consiste em um signo linguístico na função designativa de um espaço geográfico e/ou humano que quando denota, também conota, perdendo assim, o caráter arbitrário do signo linguístico. Ele pode ser empregado com diferenças culturais que possibilitam diferentes interpretações.

⁷ de una función de uso: la diferenciación con respecto a otros lugares o predios por razones de tenencia de la tierra, acceso o valor simbólico.” (CHUECA, 2010, p.9).



Nessa função, o topônimo é motivado e não arbitrário, isso, porém, não significa que há uma relação natural entre o nome e lugar por ele nomeado, i. é., não há uma relação direta entre linguagem e realidade, e sim um trabalho social designando o mundo por um sistema simbólico cuja semântica vai se construindo situadamente. Assim, é por meio da língua que dados são fornecidos para que se possa recuperar simbolicamente a realidade cultural e histórico-geográfica de um povo na construção do significado linguístico.

Isso significa dizer que esse nome próprio é um fato de língua que não apenas identifica, mas também significa, por meio da recuperação de causas denominativas dos signos em função toponímica, é possível recuperar diversos aspectos da realidade de um grupo social.

Nessa perspectiva, apesar de os nomes próprios serem, mormente, definidos como meras etiquetas, como marcas de identificação, entendemos que certos nomes de localidades, sobretudo nomes de cidades, ultrapassam a mera função nomenclatória de identificar e individualizar, passando a serem usados como índices de pertencimento de um dado grupo social, estabelecendo configurações ideológicas e pragmáticas de organização social e espacial.

Com efeito, quando levamos em consideração os motivos para uma dada escolha toponímica, o nome de lugar, habitado ou não, deixa de ser apenas um locativo de marcação ou identificação espacial “para se transformar em um fundo de memória, de natureza documental tão valiosa e significativa como os textos escritos”. (DICK, 1996, p.337). Então, eles não devem ser interpretados semanticamente por seu sentido próprio, mas concomitante às referências motivacionais necessárias a sua compreensão em seu contexto identitário, social e cultural.

Os topônimos se incluem em dois sistemas de classificação: o do léxico geral, modificando-se estruturalmente como os demais lexemas e no léxico específico da ciência onomástica. Dessa forma, o acervo toponímico, como recorte do léxico geral da língua, sofre todas as influências e transformações.

3. Análise e resultados

Doravante serão apresentadas a análise e resultados dos dados que constituíram o *corpus* deste estudo (102 nomes de municípios alagoanos).

Os topônimos foram agrupados conforme suas respectivas causas motivadoras, observando suas taxas de natureza antropocultural, a partir do modelo classificatório taxionômico, pensado para a realidade toponímica brasileira e apresentado por Dick (1990 e posteriores) e as contribuições de Isquierdo (1996).



Nesse modelo, no âmbito do significante, o topônimo é composto por dois termos: o primeiro chamado de elemento genérico que é relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes e o segundo é o elemento específico que particulariza a noção espacial. Por exemplo: Boca da Mata/AL = Boca (elemento genérico) + da Mata (elemento específico), formando, então, um sintagma toponímico. Sendo assim, para a classificação dos topônimos compostos, considerar-se-á o elemento específico, que é o topônimo propriamente dito.

3.1 Topônimos decorrentes de taxionomias de natureza antropocultural registrados, na sincronia atual, no léxico toponímico municipal alagoano

Quanto aos topônimos decorrentes de taxionomias de natureza antropocultural registrados, na sincronia atual, para nomear municípios em Alagoas, foram detectados 46 nomes próprios de natureza antropocultural na função toponímica-onomástica.

3.1.1 Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais, prenome e sobrenome.

Foram registrados 13 (treze) antropotopônimos assim distribuídos:

a) 3 (três) nomes em homenagens a personalidades da corte portuguesa: (01) **Anadia** que teria sido uma homenagem feita ao ministro de Lisboa Visconde de Anadia, poderoso fidalgo da corte portuguesa, Ministro da Marinha e Ultramar que autorizou a promoção do povoado junto ao rei à categoria de vila; (02) **Atalaia** que teria sido uma homenagem feita pelo Rei de Portugal ao amigo Visconde de Atalaia, fidalgo português amigo de D. José I e (03) **Colônia Leopoldina** que teria sido uma homenagem a Maria Leopoldina da Áustria, imperatriz do Brasil, mãe do monarca D. Pedro II.

b) 3 (três) nomes em homenagens a famílias fundadoras dos municípios: (04) **Coité do Noia** faz alusão à família Nóia, pioneira da região, que era proprietária das primeiras quatro casas que lá existiam; (05) **Olho d'Água do Casado** teria sido uma homenagem à figura de Francisco Casado de Melo. Por ocasião da construção do ramal ferroviário da *Great Western*, os trabalhadores montaram o acampamento próximo ao lugar onde havia nascentes e onde buscavam água na fazenda do agricultor Francisco Casado de Melo, onde hoje está a sede da prefeitura e (06) **Oliveira** faz referência à junção dos sobrenomes Oliveira das duas famílias fundadoras: a de Manoel Vieira de Oliveira e a de Belarmino Vieira de Oliveira.

c) 4 (quatro) nomes em homenagens a moradores pioneiros da região: (07) **Monteirópolis** faz referência ao um de seus benfeitores e fundador: José Domingos Monteiro. Literalmente, 'cidade de Monteiro'. O lugar foi se formando como núcleo habitacional a partir



da propriedade de José Domingos Monteiro, o fazendeiro pioneiro da região; (08) **Minador do Negrão** teria a motivação no fato de existir na propriedade de Félix de Souza Negrão, considerado o fundador do atual município, uma fonte de água cristalina de ótima qualidade e grande potencial hídrico; (09) **Girau do Ponciano** faz referência a um caçador de nome Ponciano fundador da localidade que, acompanhado de dois companheiros, instalou um girau para suas caçadas, aproveitando a caça abundante da região. (a tradição manteve a forma grafada ‘girau’ ao invés de ‘jirau’ como está registrada nos dicionários de língua portuguesa) e (10) **Joaquim Gomes** que faz referência à figura de Joaquim Gomes Silva Rêgo, um major da guarda nacional, proprietário do Engenho São Salvador que deu origem ao município.

d) 3 (três) nomes em homenagens a políticos e empresários pioneiros da região: (11) **Teotônio Vilela** que teria sido uma homenagem à figura do político e empresário do estado de Alagoas Teotônio Vilela que serviu como porta-voz das aspirações nacionais pela democracia na campanha pelo retorno das eleições diretas no Brasil; (12) **Delmiro Gouveia** que teria sido uma homenagem à figura do empreendedor cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia que muito contribuiu para o desenvolvimento da localidade e (13) **Paulo Jacinto** teria sido uma homenagem sugerida pela direção da *Great Western*, à figura de Paulo Jacinto Tenório, rico fazendeiro de Quebrangulo que havia doado terras para a passagem da ferrovia.

3.1.2 Hierotopônimos: topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto.

Foi registrado 1 (um) hierotopônimo: (14) **Capela** que faz referência à pequena igreja edificada por Manoel Ferreira Dias em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, no século XIX, à margem direita do Rio Paraíba, a exemplo de outras cidades alagoanas, foram as obras de edificação de capelas que deram impulso à instalação das primeiras casas na região, até surgir o povoado.

Essa categoria ligada à religiosidade, subdivide-se em: i) Mitotopônimos: entidades mitológicas e ii) Hagiotopônimos: nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano.

Foram registrados 5 (cinco) hagiotopônimos: (15) **Messias** que tem motivação na devoção religiosa do povo, em razão da atividade de carpintaria ser muito comum, à época, na cidade e era a profissão de São José, pai de Jesus, chamado de Messias; (16) **Pilar** que faz referência à padroeira da cidade Nossa Senhora do Pilar; (17) **São Brás** que faz referência à lenda de que uma imagem de São Brás foi encontrada por jovens em passeio em uma ilha de igual nome, próxima à comunidade. Impressionada com o achado, a população do nascente povoado



construiu uma capela e depois a matriz com o nome do santo; (18) **São Miguel dos Milagres** que teria tido a motivação, segundo a tradição, no fato de um pescador local ter encontrado na praia uma peça de madeira coberta de musgos e algas marinhas. Ao levá-la para casa e fazer sua limpeza, descobriu que se tratava de uma imagem de São Miguel Arcanjo, provavelmente caída de alguma embarcação. Ao terminar a limpeza, descobriu, espantado, que uma ferida persistente que o afligia há tempos estava totalmente cicatrizada e São Sebastião faz referência ao santo do hagiológico católico romano de muita devoção no interior, evocado para curar doenças e epidemias e (19) **São Sebastião**⁸ que faz referência ao santo do hagiológico católico romano de muita devoção no interior, evocado para curar doenças e epidemias: São Sebastião

3.1.3 Animotopônimos: relativos à vida psíquica, à cultura espiritual.

Essa categoria subdivide-se em: i) Animotopônimos eufóricos que denotam impressão agradável/otimista e Animotopônimos disfóricos que denotam impressão desagradável/temeridade.

Foram registrados 5 (cinco) hagiotopônimos: (20) **Belo Monte** que faz referência ao agradável panorama serrano de alto relevo da região; (21) **Campo Alegre**⁹ se deve ao padre Júlio de Albuquerque, autor da memorável “Alma das Catedrais”, que definiu a região como um “campo alegre” em carta para um amigo, pelo fato de o povoado ter sido edificado em um Chapadão de onde se vislumbrava belo panorama; (22) **Feliz Deserto** tem sua motivação na seguinte história: Em 1645, após as invasões holandesas, passava pelo litoral uma embarcação portuguesa, capitaneada por Domingos Mendes. Houve um naufrágio nas imediações da Praia das Flexeiras, salvando-se alguns de seus passageiros, dentre os quais o próprio Domingos Mendes e sua mulher Maria Mendes. Segundo a tradição, ao chegarem na praia encontraram à sombra de um cajueiro uma imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Felizes por terem sobrevivido e encontrado a imagem, decidiram ficar no lugar mesmo sendo deserto, dando início a povoação (MENDONÇA, 2012); (23) **Jacaré dos Homens** faz alusão ao lugar de homens/comerciantes honestos, sinceros e leais. À época, foi encontrado um jacaré no riacho

⁸ Há também uma versão, menos aceita pelo povo, que o topônimo São Sebastião seria uma homenagem, por iniciativa dos líderes locais que desejavam manifestar a gratidão da comunidade, ao então Governador Sebastião Marinho Muniz Falcão que apoiou integralmente o movimento de emancipação da localidade. Nesse caso, o referido topônimo seria classificado como antropotopônimo. Neste artigo, seguimos a versão religiosa que é a mais aceita e classificamos como a Hagiotopônimo.

⁹ Há uma versão mais antiga, que explica que o topônimo Campo Alegre surgiu em 1820, através de missionários que deixaram ali uma imagem de Bom Jesus dos Aflitos, Padroeiro da Cidade e que, admirados com a beleza da localidade, chamaram-na de Campo Alegre. É relevante observar que em ambas as explicações da motivação do nome, a categorização seria a mesma: Animotopônimo eufórico.



que passava próximo ao lugarejo. Por ser um animal raro na região, a lugar ficou conhecido por Jacaré. Conta a tradição, que o adjunto restritivo, que corresponde ao topônimo propriamente dito, "dos Homens", foi acrescentado em virtude de comerciantes de Penedo, conhecidos como Peixotos, que negociavam muito na região dizerem constantemente que Jacaré era terra de comerciantes honestos que honravam seus compromissos ou resumia na expressão linguística terra de homens, muito comum na zona rural de Alagoas e (24) **Maravilha** que faz referência à impressão otimista de um missionário que passou pela localidade e afirmou que, ao contrário do que se pensava fora de lá, o lugar era uma maravilha pelo povo, pelo clima e pela beleza do sítio.

3.1.4 Sociotopônimos: relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos.

Foram registrados 4 (quatro) sociotopônimos, assim distribuídos:

a) 2 (dois) nomes relativos aos locais de trabalho e de encontro da comunidade: (25) **Porto Calvo** faz referência à história lendária que um velho calvo, que morava às margens do rio, construiu um porto, conhecido como o "porto do calvo" e (26) **Porto Real do Colégio** tem sua motivação em razão de o colégio e o aldeamento ficarem próximos ao rio e de um porto à sua margem, protegidos pela coroa real portuguesa. Seu território, às margens do São Francisco, abrigava várias tribos indígenas: Cariris, Carapotás, Aconãs e Tupinambás, todas vivendo da caça, da pesca e da lavoura. Os bandeirantes, em busca de escravos, desarticularam a antiga vida tribal com sua cobiça. Os jesuítas vieram em seguida com o objetivo de catequizar os nativos e agrupá-los em uma aldeia central, por intermédio de um colégio onde ensinavam língua e religião.

b) 2 (dois) nomes relativos aos aglomerados humanos de caráter quilombola: (27) **São Luís do Quitunde**, do afr. Bantu, corruptela de *condunde* 'montanha ou espécie de peixe encontrado no Rio Santo Antônio'. (CUNHA, 2010), o nome São Luís do Quitunde é uma homenagem a São Luís, rei da França, e o topônimo Quitunde faz referência ao baixo fluvial onde surgiu o antigo povoado, uma paliçada de mocambo. O povoado de São Luís do Quitunde, cujo topônimo faz alusão a um quilombo fluvial, foi originado de uma pequena aldeia indígena, descoberta em 1624 pelo holandês Albert Sourth e (28) **União dos Palmares** que faz referência ao fato de ter abrigado o Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, que durante quase sete décadas, no século XVII, foi uma fortaleza de resistência contra o escravismo no Brasil.

3.1.5 Corotopônimos: relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.

Foram registrados 4 (quatro) corotopônimos, assim distribuídos:



a) 1 (um) nome relativo a Estado: (29) **Estrela de Alagoas** tem sua motivação no progresso que a localidade adquiriu em pouco tempo de existência no território alagoano. O lugar era conhecido por Bola, em razão de existirem em suas matas muitos exemplares de tatu-bola, animal que atraía os caçadores. Por sugestão do padre Ludgero, que dava assistência na localidade, o local recebeu o nome de Estrela de Alagoas, quando da criação do município.

a) 3 (três) nomes relativos a cidades: (30) **Belém** faz alusão à cidade sagrada da Bíblia que de acordo com o Novo Testamento, lá nasceu Jesus Cristo; (31) **Palestina** faz referência à cidade da Palestina, considerada a ‘Terra Santa’ para os cristãos e (32) **Limoeiro de Anadia** faz referência ao fato de a localidade já ter pertencido a cidade de Anadia, localizada na microrregião de São Miguel dos Campos/AL.

2.1.6 Axiotopônimos: relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais.

Foram registrados 3 (três) axiotopônimos, assim distribuídos:

a) 1 (um) nome relativo a título político: (33) **Senador Rui Palmeira** é uma homenagem prestada pelo ex-governador do Estado de Alagoas Guilherme Palmeira ao seu pai e político Guilherme Gracindo Soares Palmeira. Antes de se tornar Município, o povoado era conhecido como Riacho Grande, por haver ali um córrego que inundava o vilarejo durante o inverno.

b) 2 (dois) nomes relativos a títulos de patentes militares: (34) **Major Isidoro**¹⁰ faz referência à figura de Isidoro Jerônimo da Rocha, filho do fundador do povoado que originou a atual cidade, conhecido como major Izidoro e (35) **Marechal Deodoro** faz referência à figura do proclamador da República brasileira: Marechal Deodoro da Fonseca. Essa homenagem foi razão da localidade ter sido o berço do clã dos Fonseca: Major Manoel Mendes, a matriarca D. Rosa; os filhos e, dentre eles, o mais notável, o referido Marechal.

3.1.7 Ergotopônimos: relativos aos elementos da cultura material,

Foram registrados 3 (três) ergotopônimos: (36) **Lagoa da Canoa** faz referência ao fato de o lugar ter surgido a partir de uma lagoa que atendia à agricultura e à pesca praticadas pelos primeiros habitantes. Como estes costumavam pescar de canoa na lagoa, o local passou a ser chamado de Lagoa da Canoa; (37) **Poço das Trincheiras** tem a motivação no fato de ter existido um grande poço - hoje aterrado - próximo ao rio Ipanema. No local foram construídas trincheiras de pedra, para que a população pudesse se defender de um possível ataque holandês e (38) **Tanque D’árca** faz referência ao fato de no local onde hoje se localiza o atual município

¹⁰ Importante perceber que esse título “major” não foi conquistado em razão da progressão militar.



havia um tanque de água natural sob a sombra de um pé de oitizeiro, onde os viajantes faziam paradas para um breve descanso. Segundo a história oral, certa feita acampou por ali um bando de ciganos que, ao deixar o lugar, esqueceu uma arca com muitos e variados objetos do grupo após um grande período de acampamento, exatamente à sombra do oitizeiro, despertando a curiosidade da população local. Esse fato marcou o cotidiano dos moradores, que, a partir dele, decidiram modificar o nome da localidade para Tanque d'arca.

3.1.8 Outras taxionomias de natureza antropocultural menos produtivas registradas na toponímia municipal alagoana.

Já as taxes dos Cronotopônimos, Historiotopônimos, Numerotopônimos, Hodotopônimos, Etnotopônimos e Ecotopônimos se apresentaram com pouca representatividade, no sentido de produtividade lexical na microtoponímia estudada, foram registrados dois ou apenas 1 (um) caso para cada taxe de natureza antropocultural citada, a saber:

a) 2 (dois) nomes relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo (a): (39) **Novo Lino** faz referência ao antigo nome do Sítio Lino que originou a cidade de Novo Lino. O imperador D. Pedro II doou, em 1868, uma sesmaria ao alferes Manoel Baraúna como prêmio pela atuação do militar na Guerra do Paraguai (1865-70). As terras faziam parte da antiga Fazenda Lino, nome de seu primeiro proprietário, que morreu sem deixar herdeiros e (40) **Igreja Nova** tem sua motivação em razão da construção de uma nova igreja em substituição a uma pequena capela sob o padroado de São João Batista que, após um inverno rigoroso, ficou arruinada.

b) 2 (dois) nomes relativos aos movimentos de cunho histórico e a seus membros: (41) **Quebrangulo**, do afr., provavelmente Bantu, 'matador de porcos', relativo ao membro do movimento histórico de resistência contra a escravidão no Brasil e teria sido uma homenagem a um dos chefes quilombolas, exímio caçador de caititus e (42) **Batalha**¹¹ relativo ao movimento histórico no território alagoano que culminou em um combate entre as forças legais (soldados da polícia estadual) e um grupo de fiéis seguidores de um Beato que dominava o local através da religião

c) 1 (um) nome relativo à habitação em geral: (43) **São José da Tapera**, do tup. 1562 *ta'pera* <*taua* 'taba' + *puera* 'que foi' 'aldeia indígena abandonada, habitação em ruínas'

¹¹ Há uma versão menos aceita na comunidade que atribui à motivação do topônimo para uma homenagem feita a uma vila homônima em Portugal, situada perto de Leiria, que deve sua origem à fundação do Mosteiro de Batalha.



(CUNHA, 2010), faz referência a proliferação de casas de taipa (taperas) erguidas no lugar que fora construída uma capela dedicada a São José, aproveitando a existência destas edificações simples.

d) 1 (um) nome relativo aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas): (44) **Palmeira dos Índios**¹² faz referência aos aldeamentos dos índios Xucurus e Cariris que se estabeleceram em meados do século XVII, entre o brejo da Cafurna e a Serra da Boa Vista, local que era comum a existência de palmeiras, tangidos pela perseguição dos colonizadores

e) 1 (um) nome relativo às vias de comunicação urbana ou rural: (45) **Roteiro** tem a motivação no fato de se acreditar que os jesuítas descobriram, no local, o caminho ou "roteiro" de Dom Pero Fernandes Sardinha, o primeiro bispo do Brasil que foi devorado pelos índios na região.

f) 1 (um) nome relativo aos adjetivos numerais: (46) **Dois Riachos** que faz referência a dois pequenos córregos d'água existentes no local, encontrados pelo pioneiro Miguel Vieira de Novaes, oriundo do povoado Pai Mané, em 1907, que assinalaram o início do pequeno povoado e deram nome ao atual município de Dois Riachos.

E ainda, cumpre ressaltar que não se registraram topônimos municipais alagoanos nas categorias: animotopônimos disfóricos: topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual não física que denotam impressão desagradável/temeridade, dirrematopônimos: topônimos constituídos de frases ou enunciados linguísticos, mitotopônimos: topônimos relativos às entidades mitológicas, poliotopônimos: topônimos relativos aos vocábulos vila, aldeia, povoação, arraial etc. e somatopônimos: relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal.

De forma geral, os topônimos de motivação de natureza física se revelaram mais produtivos do que os topônimos de motivação de natureza antropocultural na função toponímica de nomear municípios em Alagoas. Quantitativamente, eles corresponderam a 56 ocorrências, que representa uma percentagem de 54,90%, do total de 102 nomes das municipalidades estudadas.

3. Considerações Finais

¹² Há também uma lenda a respeito da origem toponímica do nome Palmeira dos Índios: trata-se de uma narrativa epopeica sobre o romance proibido do romance proibido do casal de índios *Tilixi* e *Tixiliá*. Conta-se que *Tixiliá* estava prometida ao cacique *Etafé*, mas era apaixonada pelo primo *Tixili*. Um beijo proibido condenou *Tixili* à morte por inanição. Ao visitar o amado, *Tixiliá* foi atingida por uma flecha mortal de *Etafé*, falecendo ao lado de *Tixili*. No local, como um verdadeiro marco do trágico episódio, nasceu uma palmeira, que passou a simbolizar o intenso amor do jovem casal indígena. Daí por diante, o lugar ficou conhecido como Palmeira dos Índios.



O Estado de Alagoas é geograficamente pequeno com uma área total de 27 767,661 km², sendo o 2º menor do país. Faz fronteiras com os Estados de Pernambuco (Norte e Noroeste), de Sergipe (Sul), da Bahia (Sudoeste), além do Oceano Atlântico (Leste). É formado por 102 municípios, que estão distribuídos em três mesorregiões (Agreste Alagoano, Leste Alagoano e Sertão Alagoano) e subdivididos em 13 microrregiões geográficas.

Constitui, assim, a nomenclatura de suas municipalidades e, conseqüentemente, o léxico toponímico municipal humano de uma microtoponímia do Estado, evidenciando com suas isoglossas os efeitos da sociedade sobre a língua, como, também, a maneira pela qual o mundo exterior nela se reflete e se refrata.

Após as análises, evidenciamos que os nomes com motivações de natureza antropocultural, com 46 ocorrências, se apresentaram de menor produtividade em relação aos nomes de natureza física que apresentaram um quantitativo de 56 ocorrências no léxico toponímico municipal.

As taxas dos antropotopônimos se mostraram as mais produtivas, com 13 ocorrências, no grupo dos nomes de motivações de natureza antropocultural. Essas escolhas se deram por meio de homenagens a personalidades detentoras do poder político-econômico secular em Alagoas e formadoras do pensamento político, geralmente integrantes da classe dominante, e ainda, pela escolha de nomes, apelidos e/ou sobrenome de famílias de destaque dessa mesma classe social.

Finalizamos este artigo, destacando que os nomes próprios individuais atribuídos a municípios alagoanos não são usados apenas com a função identificadora, mas sobretudo como elemento pragmático de organização social e espacial de demarcação de grupos dominantes e geralmente dirigentes, de uma dada estrutura dominante de poder do Estado, na tentativa de cristalização semântica de um poder local através da atividade linguística, materializado no léxico por meio do signo toponímico.

5. Referências

ABADE, Celina Márcia de Souza. ATOBAH: proposta de elaboração do atlas toponímico da Bahia. **Caletrosópio**. v. 4, n. Especial, 2016. II DIVERMINAS, p.576-588.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Toponímia e memória: quando o passado não é utopia. BRAGA, R.C.G. et al. (Org.). **Memória e Utopia**. CUR UFMT/Rondonópolis, MT. Previsão: 2010.



CHUECA, Pascual Riesco. Nombres en el Paisaje: la toponimia, fuente de conocimiento y aprecio del território. **Cuadernos Geográficos**, n. 46, Sevilla: Universidad de Sevilla, 2010, p.7-34.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. 744p.

DAUZAT, Albert. **Les noms de lieux**. Origine et évolution. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo : Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

_____. **Acta Semiotica et Lingvistica**. Sociedade Brasileira dos Professores de Linguística. São Paulo: Universidade de Braz Cubas, 1995, v. 8. pp. 97-122.

_____. **A dinâmica dos nomes na toponímia da cidade de São Paulo: 1554-1897**. São Paulo: Annablume, 1996.

_____. Atlas Toponímico do Brasil: Teoria e Prática II. **Revista Trama**. UNIOESTE, Paraná, v.5. p. 144-155, 2007. Versão eletrônica disponível em: www.unioeste.br/saber.

ISQUERDO, Aparecida. Negri. **O Fato Linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara.

_____. A Toponímia como signo de representação de uma realidade. **Fronteiras** – Revista de História (UFMS), Campo Grande-MS, v. 1, n. 2, 1997, jul./dez. p. 27-46.

_____. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. vol. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 115-139.

MENDONÇA, Carlos Alberto Pinheiro et al. **Enciclopédia Municípios de Alagoas**. 3. ed. amp. e ver. Instituto Arno de Mello. Maceió. Núcleo de Projetos Especiais. 2012, 540 p. Disponível em <<http://www.youblisher.com/p/525211-Enciclopedia-dos-Municipios-de-Alagoas/>>. Acesso em: 10 de ago 2016.

MAEDA, Raimunda Madalena Araújo. **A toponímia sul-mato-grossense: um estudo dos nomes de fazendas**. São Paulo. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2006, 276 p.

SALAZAR-QUIJADA, A. **La toponímia em Venezuela**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.

SILVEIRA, Roseli da. **Da terra ao mar: um estudo de microtoponímia caiçara em Iguape/SP**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015. 244 f.



TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi**: significado dos nomes geográficos de origem tupi. 2.ed. Brasil: Traço, 1997. 197 p.

TRAPERO, Maximiano. **Para una teoría lingüística de la toponimia**: estudios de toponimia canaria. Las Palmas de Gran Canaria; Universidad, 1995.